

A dimensão espacial da floricultura do município do Rio de Janeiro

The spatial dimension of floriculture in the municipality of Rio de Janeiro

La dimensión espacial de la cultura de las flores en el municipio de Río de Janeiro

Jorge Luiz Costa S. Reis – jorluizo8@hotmail.com

Doutor em Geografia – Puc Rio

Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-7201-5370>

Resumo

O artigo analisa a dimensão espacial da rede geográfica da produção, comercialização e consumo de flores e plantas ornamentais no município do Rio de Janeiro, destacando as interconexões entre os agentes envolvidos. Para isso, foi adotada uma abordagem qualitativa, baseada em observações diretas, entrevistas, visitas a instituições e análise dos dados fornecidos pela Emater-RJ, com foco nas áreas produtivas da Zona Oeste, especialmente Guaratiba. A delimitação espacial do estudo contou com o suporte dos dados quantitativos da Emater-RJ. Os resultados mostram que, embora a maior parte da produção fluminense seja consumida dentro do estado, ela também alcança mercados nacionais e internacionais, com a capital como principal centro de distribuição. A diversidade de espécies cultivadas e o potencial turístico reforçam a relevância econômica e paisagística da floricultura carioca. Persistem desafios, como a falta de políticas públicas específicas e de mão de obra qualificada.

Palavras-chave: Floricultura, Rede Geográfica, Rio de Janeiro.

Abstract

This article analyzes the spatial dimension of the geographic network of production, marketing, and consumption of flowers and ornamental plants in the municipality of Rio de Janeiro, highlighting the interconnections between the agents involved. To this end, a qualitative approach was adopted, based on direct observations, interviews, visits to institutions, and analysis of data provided by Emater-RJ, focusing on the productive areas of the West Zone, especially Guaratiba. The spatial delimitation of the study was supported by quantitative data from Emater-RJ. The results show that, although most of the production in Rio de Janeiro is consumed within the state, it also reaches national and international markets, with the capital as the main distribution center. The diversity of cultivated species and the tourism potential reinforce the economic and landscape relevance of Rio de Janeiro's floriculture. Challenges persist, such as the lack of specific public policies and a qualified workforce.

Key words: Floriculture, Geographic Network, Rio de Janeiro.

Resumen ou Résumé

Este artículo analiza la dimensión espacial de la red geográfica de producción, comercialización y consumo de flores y plantas ornamentales en el municipio de Río de Janeiro, destacando las interconexiones entre los agentes involucrados. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo, basado en observaciones directas, entrevistas, visitas a instituciones y análisis de datos proporcionados por Emater-RJ, con foco en las áreas productivas de la Zona Oeste, especialmente Guaratiba. La delimitación espacial del estudio se apoyó en datos cuantitativos de Emater-RJ. Los resultados muestran que, si bien la mayor parte de la producción en Río de Janeiro se consume dentro del estado, también llega a los mercados nacionales e internacionales, siendo la capital el principal centro de distribución. La diversidad de especies cultivadas y el potencial turístico refuerzan la relevancia económica y paisajística de la cultura de las flores de Río de Janeiro. Persisten desafíos, como la falta de políticas públicas específicas y de una mano de obra calificada.

Palavras-chave: Cultura de Las Flores, Red Geográfica, Río de Janeiro.

Recebido em: 27/01/2026
Aceito para publicação: 24/03/2026

Introdução

O território fluminense apresenta dados significativos relacionados à floricultura em quatro de suas oito regiões de governo. Há registros de atividades ligadas à produção de flores e plantas ornamentais nas regiões das Baixadas Litorâneas, Centro-Sul, Metropolitana e Serrana. Essas regiões se destacam por apresentarem características específicas de cultivos e por abrigarem agentes espaciais que lhes conferem particularidades em termos de formas e dinâmicas espaciais, o que possibilita a mensuração da dimensão territorial de cada uma delas.

Essa dimensão espacial também se expressa através do consumo produtivo realizado nas áreas cultivadas, evidenciando que a produção de flores e plantas ornamentais demanda insumos, máquinas, equipamentos e outros produtos associados ao agronegócio. Na prática, produção, consumo e comércio formam uma tríade que configura uma rede geográfica, compreendida segundo a perspectiva de Corrêa (2011), que propõe três dimensões para análise das redes: organizacional, temporal e espacial – interligadas entre si.

Este artigo tem como objetivo apresentar a dimensão espacial da rede geográfica de produção de flores e plantas ornamentais do município do Rio de Janeiro, situado na Região Metropolitana, destacando as conexões entre os diversos agentes espaciais envolvidos. Essas conexões materializam uma rede estruturada a partir da produção, comercialização e consumo de plantas ornamentais, em espaços predominantemente urbanos. São identificados como elementos e formas espaciais da rede: produtores, consumidores, fornecedores de insumos, lojistas, fabricantes de máquinas e equipamentos, institutos de pesquisa, órgãos estatais, além dos mercados atacadista e varejista. Esses elementos se distribuem pelas diferentes etapas da cadeia produtiva, configurando pontos nodais que, conforme a intensidade e a natureza das interações entre seus agentes, se projetam em distintas escalas geográficas.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, essencial para a escolha dos referenciais teóricos e para a análise dos dados coletados em campo. Os dados foram obtidos por meio de observações diretas, diagnósticos setoriais,

reportagens, imagens, visitas a instituições públicas e entrevistas com produtores e comerciantes.

Paralelamente, os dados quantitativos disponibilizados pela Emater-RJ foram essenciais para a definição do recorte espacial da pesquisa. Foram analisados os municípios e as regiões que, em 2022, apresentaram níveis expressivos de produção e faturamento no setor de floricultura do estado do Rio de Janeiro, com ênfase especial na capital. A análise do município do Rio de Janeiro possibilitou compreender as interações estabelecidas entre os principais agentes da rede produtiva — agricultores, fornecedores de insumos, lojistas, mercados atacadistas e varejistas, instituições de pesquisa, serviços de assistência técnica e consumidores.

O levantamento de informações sobre a origem e o destino dos produtos comercializados permitiu identificar os principais nós da rede geográfica e o alcance espacial da produção fluminense. A observação do consumo nas áreas produtivas, por sua vez, mostrou-se fundamental para o mapeamento dos agentes e dos fluxos que estruturam essa rede. Além disso, o contato direto entre produtores e consumidores contribui para ampliar o conhecimento sobre a diversidade de espécies cultivadas.

No que tange à localização das unidades produtivas da capital, nota-se que a Zona Oeste é a que concentra maior parte delas, especialmente nos bairros de Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba. Este último foi escolhido como área para a realização das atividades de campo. Nas propriedades selecionadas foram registradas formas espaciais da atividade agrícola e realizadas entrevistas com produtores e o representante da associação local. Também foram feitas duas visitas ao Sítio Burlle Marx, referência histórica e simbólica da floricultura na região e que hoje constitui um dos elementos paisagísticos com grande potencial para o desenvolvimento do turismo floral na região.

Referencial teórico

O artigo analisa a dimensão espacial da rede geográfica da produção, comercialização e consumo de flores e plantas ornamentais no município do Rio de Janeiro, tendo o conceito de espaço como eixo central. Para tanto, são utilizados os aportes teóricos de Corrêa (2002, 2011), Santos (1988, 1992) e Santos & Silveira (2002).

No que se refere à categoria "forma", ela se manifesta por meio da rede geográfica formada pelos agentes e fluxos da floricultura. Os trabalhos de Corrêa (2011) e Dias (2002) auxiliam na compreensão das redes geográficas. A partir de Corrêa, são apresentadas três dimensões das redes mencionadas: organizacional, temporal e espacial. A dimensão organizacional permite identificar os principais agentes espaciais e suas práticas. A dimensão temporal avalia a frequência e a velocidade dos fluxos entre os espaços. Já a dimensão espacial revela as múltiplas escalas geográficas em que se configuram essas interações, conferindo-lhes diferentes amplitudes territoriais.

Resultados

Os dados coletados indicam que a comercialização da floricultura na capital fluminense amplia o alcance da produção estadual, extrapolando os limites do Rio de Janeiro e atingindo outras regiões do país, ainda que a maior parte da comercialização ocorra dentro do território fluminense. Contudo, ainda é escassa a sistematização de dados que evidenciem com precisão essa expansão territorial. Observa-se, entretanto, que a crescente demanda por espécies tropicais tem contribuído para ampliar os fluxos comerciais interestaduais. Além disso, o fortalecimento de parcerias com cooperativas e intermediários de outros estados demonstra o potencial competitivo da produção local. Esses fatores indicam uma tendência de consolidação da floricultura fluminense em redes comerciais de maior alcance nacional.

A pesquisa revelou que muitas informações sobre a produção florícola local são pouco documentadas e só se tornam acessíveis por meio do contato direto com os produtores. Muitos comercializam diretamente em suas propriedades, realizam entregas ou vendem no principal centro de distribuição da cidade – o CADEG¹. Entre os consumidores destacam-se paisagistas, jardineiros, moradores de casas e apartamentos, shoppings, condomínios e empresas de eventos. A produção é voltada majoritariamente para espécies adaptadas ao clima tropical, cultivadas sobretudo por pequenos empresários.

A maioria das propriedades possui entre 0,5 e 0,8 hectare. No entanto, observa-se no município maior presença de empresas de médio e grande porte e

¹ CADEG é o nome do mercado municipal do Rio de Janeiro. Localiza-se no bairro Benfica.

maior uso de trabalho assalariado em comparação à Região Serrana. A capital reúne os produtores mais profissionalizados do estado, embora também existam produtores de baixa tecnologia e atuação informal. Além disso, a região produtora de flores e plantas ornamentais apresenta elementos que podem impulsionar o turismo floral, configurando uma nova alternativa turística. Essa atividade, ao integrar produção, paisagem e visitação, pode contribuir para a diversificação econômica. O desenvolvimento de roteiros turísticos voltados à floricultura tem potencial para atrair visitantes. Assim, a floricultura carioca se destaca não apenas pela produção, mas também por seu papel no fomento do turismo.

A floricultura da capital fluminense

Os números da floricultura na Região Metropolitana e, em especial, no município do Rio de Janeiro, revelam sua expressiva relevância econômica. Em 2022, a Região Metropolitana registrou um faturamento de R\$ 43.748.724,00, correspondendo a cerca de 25% do total estadual, que somou R\$ 174.760.335,05. Dentre os municípios da região, o Rio de Janeiro destacou-se com o maior volume, alcançando R\$ 27.898.080,00 — o equivalente a 64% do faturamento metropolitano e aproximadamente 16% do estadual.

Esses números refletem não apenas o peso econômico da floricultura na capital, mas também sua capacidade de articular diferentes agentes da cadeia produtiva. A expressiva participação do município reforça sua condição de centro de distribuição e consumo de flores e plantas ornamentais no estado. Além disso, a proximidade com grandes centros urbanos e a presença de infraestrutura logística favorecem o escoamento da produção e ampliam o alcance do mercado fluminense.

Em relação ao número de produtores, a Região Metropolitana concentra 343 dos 909 registrados no estado, o que equivale a cerca de 38%. Quando somada à Região Serrana, a participação dessas duas regiões fluminenses ultrapassa 90% do total de produtores de flores e plantas ornamentais até o ano de 2022. Na Região Serrana, os municípios de Bom Jardim, Nova Friburgo e Petrópolis destacam-se pelas paisagens marcadas pelo cultivo de flores de corte típicas de “clima temperado”. Já na Região Metropolitana, os municípios de Itaboraí e do Rio de Janeiro apresentam cenários dominados por plantas ornamentais, flores e folhagens tropicais. No município do Rio de Janeiro, há 220

Entre os cultivos ornamentais mais expressivos do estado do Rio de Janeiro e que são cultivados na cidade do Rio de Janeiro destacam-se as bromélias, orquídeas, chefleras, ficus, diferentes tipos de palmeiras— como a imperial (exemplo: do Jardim Botânico), fênix, sagu e areca —, crótons, comiguinguém-pode, filodendros, hibiscos, helicônias, ixórias, agaves, clúsias, jasmims, caliandras, cordyline, orquídeas, antúrios, alpinias, musas, lírio-da-paz, callisia, megaskepasma, monstera, jade-vermelha, salsa-da-praia, bastão-do-imperador, flor-de-cera, Senna pendula, Hydriastele kasesa, Quesnelia arvensis, Norantea brasiliense, dracenas (figura 1) entre outras espécies. Além da expressiva diversidade, essas plantas apresentam grande importância econômica e paisagística, compondo jardins residenciais, áreas públicas e projetos de urbanismo. Sua adaptabilidade ao clima tropical favorece o cultivo ao longo de todo o ano, fortalecendo o setor da floricultura.

Figura 1: Cultivo de dracena (*dracaena reflexa*), em destaque, no bairro Guaratiba, município do Rio de Janeiro



Fonte: Reis, 2025a.

É importante salientar que parte das espécies cultivadas na região tem origem em outras localidades. Em diversas hortos e sítios, observa-se a coexistência de plantas ornamentais e frutíferas, sendo estas últimas

frequentemente empregadas também com finalidades paisagísticas e decorativas. Grande parcela das mudas de frutíferas é adquirida em outros estados, sobretudo em Minas Gerais, com ênfase no município de Dona Euzébia, reconhecido como importante fornecedor para o setor. Essa dependência de fornecedores externos evidencia a integração entre diferentes regiões produtoras, reforçando os fluxos comerciais da cadeia florícola. Além disso, revela a importância da logística e da qualidade das mudas para garantir a diversidade e a vitalidade das espécies cultivadas localmente. Tal dinâmica contribui para a ampliação da variedade estética e funcional dos cultivos fluminenses.

Em Guaratiba, há produtores que se dedicam tanto aos cultivos tradicionais da região quanto a espécies mais específicas. Um exemplo é a produtora Adelaide, do Sítio Raízes Paisagismo, especialista no cultivo de plantas nativas de restinga costeira, incluindo espécies ameaçadas de extinção, como a *Norantea brasiliensis*. A produtora cultiva essa espécie há cerca de três décadas, atendendo principalmente ao mercado de jardins litorâneos em diversas regiões do país. A sua produção contribui para ampliar a compreensão da dimensão espacial da floricultura fluminense, visto que, até então, os dados coletados nas regiões Serrana e Centro-Sul indicavam que a produção de flores e plantas ornamentais destinava-se majoritariamente ao consumo interno do estado do Rio de Janeiro, com menor participação nos estados vizinhos (REIS, 2025).

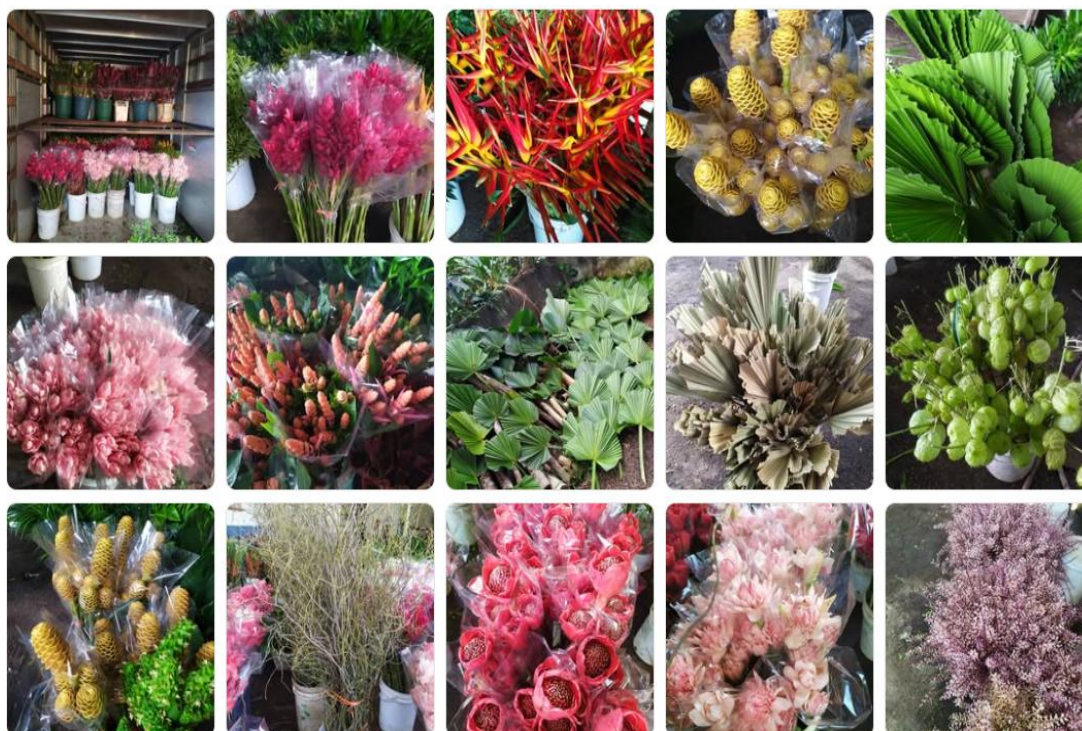
No entanto, a experiência relatada pela produtora revela um alcance geográfico mais amplo, ainda que a maior parte das vendas continue concentrada no território fluminense. Além da produção ornamental, parte de sua atividade é voltada à recomposição ambiental. Segundo relatou, um cliente de Minas Gerais adquiriu mudas financiadas pela empresa Vale do Rio Doce, provavelmente destinadas a projetos de compensação ambiental em áreas costeiras do Espírito Santo ou da Bahia. A mesma espécie, entretanto, também foi comercializada para fins decorativos em um jardim de alto padrão localizado em São Paulo, o que evidencia sua versatilidade e capacidade de adaptação a diferentes contextos paisagísticos.

De acordo com o presidente da associação de produtores locais, alguns floricultores fluminenses fornecem plantas ornamentais para cooperativas paulistas, como é o caso da empresa Guandu Tropical, situada em Campo Grande

— bairro vizinho a Guaratiba. A empresa mantém um ponto de venda no CADEG e é vinculada à Cooperflora, localizada em Holambra (SP). No site da cooperativa² constam diversas espécies fornecidas pela Guandu, entre elas helicônias, dracenas, murtas e zingiberáceas — estas últimas bastante utilizadas em arranjos florais e buquês em razão do seu aspecto exótico e alta durabilidade. Em outra seção do mesmo site, destacam-se os bastões-do-imperador, disponíveis em diferentes colorações e valorizados na ornamentação de ambientes internos e jardins, além da estrelícia (*Strelitzia reginae*), conhecida como “ave-do-paráiso”, amplamente empregada em áreas externas residenciais e comerciais.

As espécies cultivadas pela Guandu Tropical distinguem-se por apresentarem características marcantes, como aparência exótica, coloração intensa e, em alguns casos, texturas singulares (figura 2). Adaptadas a condições tropicais, apresentam boa resistência ao calor — atributo essencial para sua difusão em distintas regiões do país. São, inclusive, espécies amplamente cultivadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, especialmente na capital.

Figura 2: Plantas cultivadas pela Guandu Tropical



Fonte: <https://www.facebook.com/Guandutropicalflores/photos>. Acesso em: 08 de nov. de 2025.

² COOPERFLORA. Cooperflora: especialista em flor. Página inicial. Disponível em: <https://cooperflora.com.br/as-maravilhas-tropicais/>. Acesso em 10 de ago. de 2024.

Considerando que as cooperativas paulistas concentram a maior capacidade logística do setor no Brasil, é plausível inferir que as plantas ornamentais produzidas no município do Rio de Janeiro alcancem destinos mais distantes do que o esperado. Ressalta-se, contudo, que as tentativas de contato com a Guandu Tropical — inclusive por intermédio do escritório regional da Emater, em Campo Grande — não obtiveram retorno, o que restringiu a obtenção de informações diretas.

As observações realizadas sobre o comércio da floricultura na Região Metropolitana revelam que a produção fluminense apresenta alcance que ultrapassa os limites estaduais, chegando a diferentes regiões do país e, em alguns casos, ao mercado internacional. Como exemplo da distribuição da produção carioca para fora do estado, podemos citar a ornamentação do altar da Basílica de Nossa Senhora Aparecida (figura 3), no estado de São Paulo, em outubro de 2025, com flores e plantas ornamentais da Guandu Tropical, conforme divulgado em sua rede social³.

Figura 3: Ornamentação do altar da Basílica com cultivos da Guandu Tropical

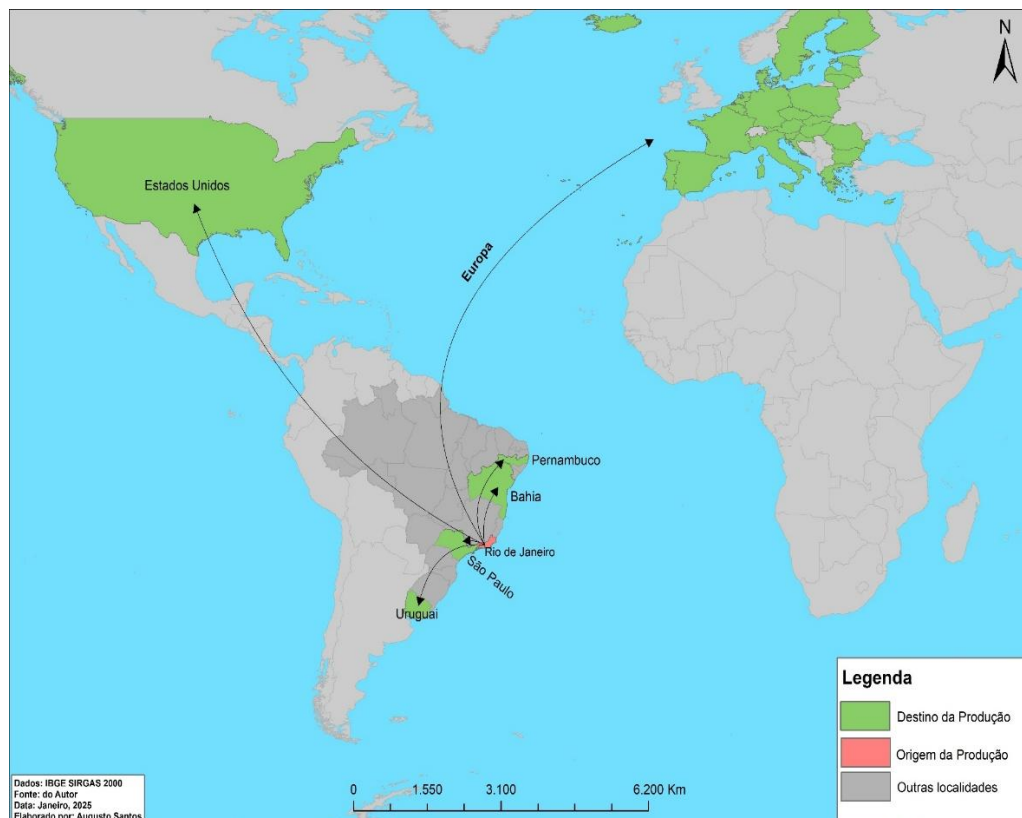


Fonte: [https://www.facebook.com/search/top?q=guandu %20tropical%20flores](https://www.facebook.com/search/top?q=guandu%20tropical%20flores). Acesso em: 08 de nov. de 2025.

³ Guandu Tropical. Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top?q=guandu%20tropical%20flores>>. Acesso em: 08 de nov. de 2025.

Aliás, em dezembro de 2018, o Jornal O Dia⁴ já havia publicado que a Guandu Tropical tinha vendido 4,8 mil maços de helicônia para a Hípica de Campinas, São Paulo, sinalizando antes mesmo a projeção da floricultura carioca. No entanto, a carência de dados sistematizados dificulta a mensuração precisa dessa expansão. O trabalho de campo demonstrou, por meio do contato direto com os produtores, que uma parcela expressiva da dinâmica da floricultura carioca ainda carece de registro e sistematização. Essa lacuna é exemplificada pelo relato do presidente da associação de produtores de Guaratiba, que mencionou o fornecimento de plantas por produtores locais para destinos como Uruguai, Estados Unidos e países europeus. O Mapa 2 sintetiza as informações levantadas em campo, a partir dos depoimentos dos produtores, e evidencia a ampliação da escala espacial da floricultura praticada na capital fluminense, que se estende além dos limites do estado e alcança outros territórios nacionais e internacionais.

Mapa 2: A dimensão espacial da produção de flores e plantas ornamentais da capital fluminense



Fonte: Reis, 2025a.

⁴ <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/11/5598287-mercado-de-flores-e-plantas-ornamentais-deve-movimentar-r--500-milhoes-no-estado-do-rio.html>. Acesso em: 08 de nov. de 2025.

É importante destacar que os produtores locais adotam diferentes estratégias de comercialização. Parte deles realiza vendas diretamente em seus próprios sítios, enquanto outros efetuam entregas a clientes ou destinam sua produção ao CADEG. Observa-se, ainda, o crescimento do uso do comércio eletrônico como meio de ampliação do alcance das vendas. Entre os principais consumidores do setor de floricultura estão paisagistas, jardineiros, shoppings centers, condomínios residenciais, moradores de casas, apartamentos e coberturas, além de lojistas, empresas de eventos e clientes individuais.

No que diz respeito à assistência técnica, alguns produtores relataram o apoio da Emater. Quanto ao manejo produtivo, a maioria declarou adotar insumos e defensivos de origem natural, com destaque para o uso de óleo de neem e fumo de rolo. Entre os fertilizantes, sobressaem aqueles elaborados a partir de esterco de galinha e de boi. Os equipamentos mais utilizados incluem pulverizadores e roçadeiras elétricas das marcas Stihl e Trapp. A irrigação é, em sua maior parte, realizada de forma direta, sem o uso de aspersores, diferentemente do que se observa na Região Serrana. Os principais locais de aquisição de insumos e equipamentos citados foram o Horto Rio Verde, em Guaratiba, e a CEASA, em Irajá. A região também conta com revendedores de vasos plásticos, obtidos tanto por meio de intermediários quanto diretamente junto aos fabricantes, como a empresa RDK, que abastece parte dos produtores locais.

Entre os principais desafios enfrentados na produção e comercialização, destacam-se a escassez de mão de obra qualificada, a falta de reconhecimento das áreas produtivas como zonas rurais e a ausência de políticas públicas específicas para o setor — especialmente aquelas voltadas ao fomento e custeio da produção agrícola. A inexistência de uma secretaria municipal de agricultura reflete, em parte, a baixa prioridade atribuída pelo poder público às atividades agrícolas locais. Conforme observou uma das produtoras entrevistadas, o espaço rural ainda é frequentemente associado à ideia de atraso e precariedade, desconsiderando-se as dinâmicas produtivas que nele se desenvolvem. O presidente da associação de produtores, ao destacar a relevância econômica do segmento, defendeu a criação de uma secretaria própria, ressaltando que a floricultura movimentava a economia regional, impulsiona o comércio local e gera

oportunidades de emprego. Essa percepção é compartilhada por outros produtores, que também enfatizam a influência do paisagista Burle Marx no fortalecimento da floricultura em Guaratiba — área que concentra parcela significativa da produção agrícola da região, abrangendo desde agricultores familiares até empresas de maior porte.

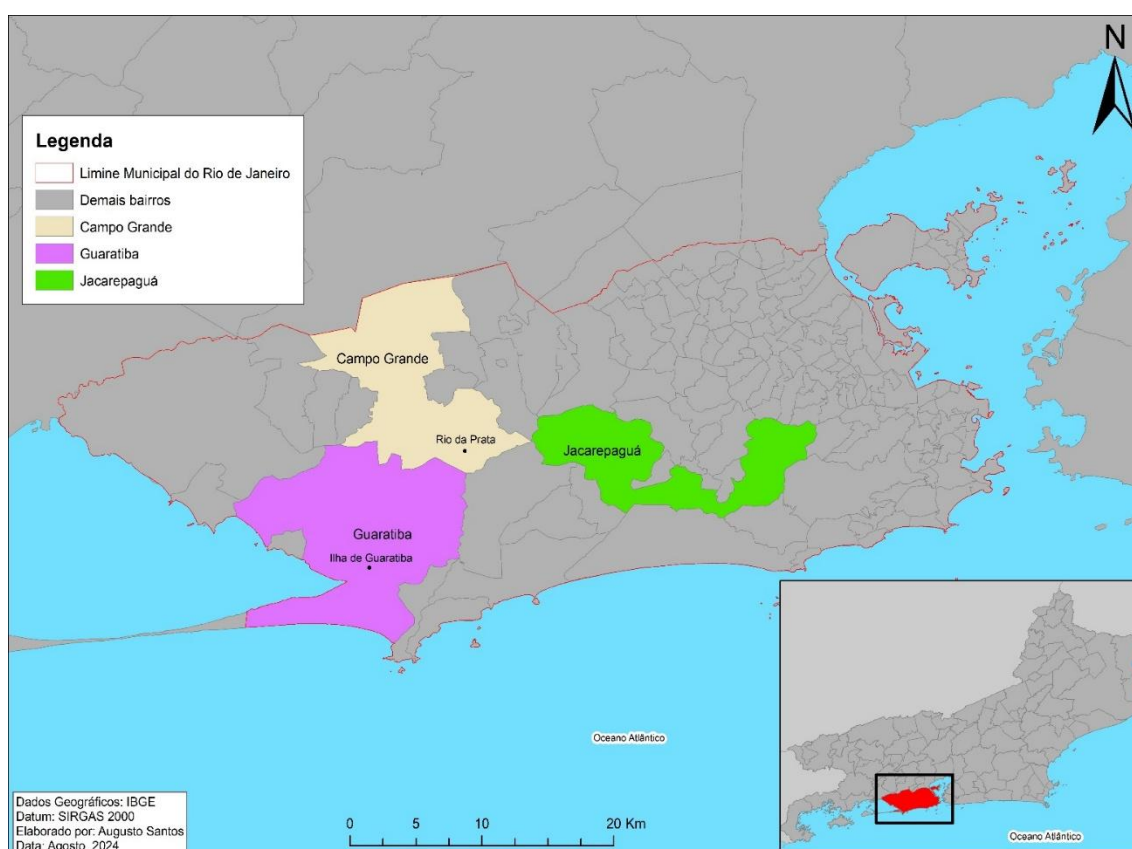
De modo geral, a floricultura na Região Metropolitana caracteriza-se pelo cultivo de flores e plantas ornamentais adaptadas a climas mais quentes, realidade observada na capital. A produção é majoritariamente conduzida por pequenos empreendedores. Segundo Neves e Pinto (2015), a maior parte das propriedades possui entre 0,5 e 0,8 hectare; contudo, verifica-se uma presença mais expressiva de empresas de médio e grande porte do que na Região Serrana, com predominância do trabalho assalariado sobre o familiar. Trata-se, portanto, da região que concentra os produtores mais profissionalizados do estado, embora ainda existam floricultores de baixa tecnologia e atuação informal.

No que se refere à comercialização, observa-se que a dinâmica na Região Metropolitana é mais dispersa em comparação à Região Serrana. Enquanto a produção de flores de corte serrana é majoritariamente comercializada no CADEG, na Região Metropolitana as vendas ocorrem, em grande parte, nas próprias propriedades, mediante contato direto entre produtores e consumidores. Alguns produtores, contudo, também utilizam o CADEG como ponto de comercialização, ainda que essa prática não seja predominante. Entre os empreendedores mais capitalizados, nota-se maior resistência à realização de visitas técnicas, mesmo quando intermediadas por escritórios regionais da Emater. Os produtores utilizam transporte próprio ou terceirizado para o envio das mercadorias de sítios e chácaras até os clientes.

No caso da floricultura fluminense, as informações disponíveis indicam que a maior parte da produção é absorvida pelo próprio estado. Isso é particularmente evidente nos fluxos comerciais do município do Rio de Janeiro, onde grande parte do que é cultivado é consumido internamente, demonstrando que o consumo da produção carioca — bem como de outros municípios metropolitanos — ocorre, em geral, numa escala regional, embora haja casos pontuais que demonstrem outros alcances espaciais.

No Rio de Janeiro, a produção de flores e plantas ornamentais se concentra principalmente nas zonas Oeste e Sudoeste da cidade, especialmente em Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba (mapa 3). Essas áreas apresentam condições ambientais favoráveis para o cultivo de espécies tropicais. Além disso, a proximidade com importantes vias de transporte facilita o escoamento da produção para outras partes da cidade e da Região Metropolitana. A presença de produtores experientes e a tradição agrícola local também contribuem para a consolidação dessa atividade na região.

Mapa 3: Localidades destacadas pela floricultura no município do Rio de Janeiro



Fonte: Reis, 2025a.

As atividades de campo se desenvolveram em propriedades localizadas no bairro Guaratiba. Nelas foram observadas e registradas as formas espaciais das áreas agrícolas, além de entrevistas com produtores e com o representante da associação de produtores locais, que também é produtor de plantas ornamentais. No bairro também ocorreram duas visitas ao Sítio Burle Marx (figura 4), espaço que leva o nome de seu antigo proprietário — o paisagista Roberto Burle Marx—, pioneiro no fomento à atividade ornamental na área. Ao instalar ali um

laboratório de experimentação botânica, Burle Marx impulsionou expressivamente a produção local, testando e multiplicando espécies coletadas em suas expedições pelo país, em busca de plantas com potencial decorativo. Sua atuação foi tão marcante que diversos agricultores, anteriormente dedicados à fruticultura e horticultura, migraram para o cultivo ornamental, atraídos pelo maior valor econômico dessas espécies.

Figura 4: Sítio Burle Marx



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

A concentração de sítios e hortos na região, aliada à proximidade das praias da Zona Oeste e Sudoeste, ao fortalecimento do polo gastronômico e à criação do mercado de plantas — em construção desde 2022, com prazo inicial de conclusão de cinco meses — revela um expressivo potencial turístico, no qual o cultivo de diversas espécies ornamentais se destaca como elemento central da

paisagem. Além da capital fluminense, situada na Região Metropolitana, outros dois municípios da Região Serrana — Nova Friburgo e Petrópolis — também apresentam resultados significativos na produção de flores e plantas ornamentais, bem como infraestrutura, serviços de hospedagem e outras densidades técnicas que tendem a fortalecer o turismo vinculado a esse segmento. De modo geral, o cenário observado no estado do Rio de Janeiro reflete uma tendência mundial, em que flores e plantas ornamentais exercem papel relevante na configuração e valorização das paisagens. A beleza proporcionada por elas atrai indivíduos em busca de experiências sensoriais — visuais, olfativas, simbólicas, religiosas e emocionais. Essas vivências, em muitos casos, configuram oportunidades de dinamização econômica, uma vez que impulsionam o desenvolvimento de diversas atividades, tanto direta quanto indiretamente relacionadas ao setor. Tal realidade é observada em diferentes países, onde as flores e plantas ornamentais constituem verdadeiros ícones paisagísticos e turísticos (REIS, 2025b).

Em escala global, a Holanda se destaca como um dos principais destinos do turismo floral, especialmente por seus vastos campos de tulipas, que atraem visitantes sobretudo na primavera. Na França, os campos de lavanda despertam o interesse de turistas que buscam apreciar a paisagem e o perfume característico da planta. No Japão, a floração das cerejeiras transforma as cidades e mobiliza visitantes de diversas partes do mundo. Além desses exemplos, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, Colômbia e Chile também integram o circuito internacional do turismo floral. No contexto brasileiro, Holambra (SP) sobressai como o principal centro de produção e comercialização de flores e plantas ornamentais, resultado da forte atuação de cooperativas locais. O município consolidou-se ainda como destino turístico, impulsionado por eventos como a Expoflora. Na Região Sul, Gramado (RS) figura como outro importante polo turístico nacional, com paisagens marcadas pelo cultivo ornamental, especialmente durante o Festival de Gramado.

No estado do Rio de Janeiro, embora o setor de flores e plantas ornamentais possua expressiva relevância no cenário nacional — revelando significativo potencial econômico e paisagístico —, ainda é limitada a realização de eventos voltados especificamente a esse segmento, sobretudo nas regiões

Serrana e Metropolitana, principais áreas produtoras. Contudo, no que diz respeito especificamente à capital fluminense, nota-se, de certo modo, que as suas paisagens compostas de flores e plantas já são exploradas em práticas turísticas, uma vez que seus parques e jardins — como o Parque Nacional da Tijuca e o Jardim Botânico — são amplamente reconhecidos por suas paisagens deslumbrantes e riqueza natural, situados em pleno ambiente urbano. Embora o município apresente predominância de características urbanas, ainda conserva áreas e cenários que remetem ao espaço rural. Entre as paisagens que compõem esse espaço, destacam-se aquelas formadas por propriedades dedicadas ao cultivo de plantas ornamentais, situadas predominantemente nos bairros da Zona Oeste da cidade. (REIS, 2025b).

No turismo floral, a primavera representa a estação de maior destaque, devido à exuberância das florações. Entretanto, os avanços científicos aplicados à produção agropecuária têm possibilitado a reprodução artificial das condições ideais de cultivo em diferentes épocas do ano, ampliando o potencial de atração turística (ELIAS, 2002).

Considerações finais

A análise da dimensão espacial da produção de plantas ornamentais no município do Rio de Janeiro revela certo distanciamento em relação às grandes empresas fornecedoras globais de insumos e equipamentos. Isso se explica, em parte, pelo fato de que os cultivos exigem, em geral, menor uso de insumos químicos e tecnologia.

Ainda assim, o alcance da produção tende a ser maior do que se supõe. Espécies específicas da região atraem compradores de outras localidades. Há produtores integrados a cooperativas paulistas com logística estruturada para distribuir flores e plantas para diversos estados. Também há registros de propriedades que fornecem para consumidores fora do estado, evidenciando o potencial interestadual da produção.

Portanto, embora a maior parte da produção ainda seja consumida dentro do estado, especialmente na capital e na Região Metropolitana, há elementos que indicam uma rede geográfica mais ampla. Essa rede confere à floricultura fluminense uma dimensão territorial que extrapola os limites estaduais,

consolidando sua importância dentro do contexto regional e, em alguns casos, nacional.

A dimensão espacial da floricultura também pode ser mensurada pelo potencial paisagístico de suas paisagens para o desenvolvimento do turismo floral, notadamente na Zona Oeste da cidade, onde se concentram os principais produtores e onde elementos simbólicos, como o Sítio Burle Marx, associam-se à identidade cultural e à história da atividade ornamental. Essa articulação entre produção agrícola e paisagem amplia as possibilidades de integração entre floricultura e turismo.

Referências

Artigos em Revistas

CORRÊA, Roberto Lobato. Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente. In: Revista Cidades. Presidente Prudente: Unesp, v. 9, nº 16, 2011, pp. 199-218.

ELIAS, Denise. Globalização e agricultura no Brasil. In.: GEO UERJ, Revista do Departamento de Geografia, nº 12. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, pp. 23-32.

Capítulo de Livro

DIAS, Leila Chistina. Redes: emergência e organização. In.: CASTRO, Iná Elias de et al (orgs). Geografia: conceitos e temas. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, pp. 141-162.

ELIAS, Denise. Agronegócio globalizado: do campo à metrópole. In: FERREIRA, Álvaro; MATTOS, Regina Célia de; RUA, João (orgs). O espaço e a metropolização: cotidiano e ação. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

REIS, Jorge Luiz Costa S. Potencialidades turísticas das paisagens floricultoras do estado do Rio de Janeiro. In: David, Cesar de & Marafon, Glaucio José (orgs). Diversidade e transformações nas paisagens rurais: olhares geográficos sobre o campo. Rio de Janeiro. Consequência Editorial, 2025b, 502p.

Levantamentos internos

EMATER-Rio. Levantamento anual da floricultura no estado do Rio de Janeiro nos anos 2019, 2020, 2021 e 2022. Coordenação do Programa Florescer, Rio de Janeiro: SEAPEC, 2022.

GTE Floricultura e Grãos/Coper. Levantamento anual da floricultura no estado do Rio de Janeiro nos anos 2020, 2021 e 2022. Rio de Janeiro: SEAPEC/EMATER/RIO, 2023.

Livros

IANNI, Octavio. A Sociedade Global. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1993.

LÍRIO VS; SILVA CAB. Diagnóstico da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFV/FUNARBE, 2003, 157p.

NEVES, M. F.; PINTO, M. J. A. (Orgs.) Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais do Brasil. São Paulo: OCESP, 2015, 132p.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. Espaço e método. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. Uma reorganização produtiva do território. In: O Brasil: território e sociedade no século XXI. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 105-141.

Sites

CARIOCAS da roça: agricultores do Rio de Janeiro investem na produção de plantas ornamentais. G1, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2023/08/13/cariocas-da-roca-agricultores-do-rio-de-janeiro-investem-na-producao-de-plantas-ornamentais.ghtml/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2024.

COOPERFLORA. Cooperflora: especialista em flor. Página inicial. Disponível em: <<https://cooperflora.com.br/as-maravilhas-tropicais/>>. Acesso em 10 de ago. de 2024.

GUANDU Tropical. Disponível em: <[https://www.facebook.com/search/top?q=guandu %20tropical%20flores](https://www.facebook.com/search/top?q=guandu%20tropical%20flores)>. Acesso em: 08 de nov. de 2025

_____. Disponível em: < <https://www.facebook.com/Guandutropicalflores/photos>>. Acesso em: 08 de nov. de 2025.

MERCADO de flores e plantas ornamentais deve movimentar R\$ 500 milhões no Estado do Rio. O Dia, 2018. Disponível em: < <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/11/5598287-mercado-de-flores-e-plantas-ornamentais-deve-movimentar-r--500-milhoes-no-estado-do-rio.html>>. Acesso em: 08 de nov. de 2025.

O MERCADO de flores no Brasil. Disponível em: <https://www.ibraflor.com.br/_files/ugd/b3do28_2ca7dd85f28f4add9c4eda570adc369f.pdf> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

Trabalhos de Conclusão de Curso

REIS, Jorge Luiz Costa S. A dimensão espacial da rede produção, comercialização e consumo de flores e plantas ornamentais do estado do Rio de Janeiro entre os anos 2002 e 2024. Tese (doutorado). Departamento de



Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, 2025, 301p.